

FARIA, Dominique, Marta Pacheco Pinto, e Joana Moura, eds. 2022. *Reframing Translators, Translators as Reframers*. New York: Routledge, 318 pp. ISBN 978-103-2027-74-6.

Charles Chon Neng Cheung*

Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias 43 (2024), 267-271. ISSN 0870-4546.
DOI: <https://doi.org/10.34619/nugf-kmtq>

Reframing Translators, Translators as Reframers apresenta desde o título uma proposta de conceptualização da tradução enquanto “reenquadramento” (*reframing*). Na Introdução do volume, Dominique Faria, Marta Pacheco Pinto e Joana Moura afirmam que o “reenquadramento”, definido como “a mode of reading, interpreting, and constructing reality”, pode ser uma metáfora alternativa, mais “neutra” e “abrangente”, às metáforas tradicionais como “domesticção versus estrangeirização” e “tradução fiel versus livre” (p. 3). De facto, em contraste com estas dicotomias convencionais, que problematizam a qualidade do produto e/ou a ética do tradutor, o conceito unitário de reenquadramento, conforme defendido pelas organizadoras (p. 3), enfatiza apenas uma ação transformativa realizada por um ou vários agentes num contexto específico. Esta noção de tradução enquanto processo contínuo é ainda reforçada pela utilização sistemática do gerúndio em “reframing” e noutros verbos que servem para explicar a tradução e o reenquadramento ao longo da introdução.

No entanto, enquanto as organizadoras afirmam que o seu conceito de reenquadramento é baseado na “reescrita” de André Lefevere e no “enquadramento” de Mona Baker, diferenças e semelhanças entre estes três conceitos não parecem ser articuladas em separado na Introdução. Dito isto, seguindo a detalhada discussão teórica, pode deduzir-se que o “reenquadramento” não apenas reúne a noção de manipulação textual presente na “reescrita” e a ideia de perspectiva limitada do agente no “enquadramento”, mas também sublinha o processo transformativo decorrente da substituição de um enquadramento existente. Por conseguinte, comparado com os trabalhos anteriores relativos à discussão de (re)enquadramento em Estudos de Tradução (Baker 2007b; 2007a; Almann e Martínez

* CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa; CETAPS – Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies, NOVA FCSH, Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-6748-3382>. E-mail: s-ccheung@ucp.pt.

Sierra 2020; Almanna e Gu 2021), o volume em apreço constitui um avanço teórico, tanto no estabelecimento das relações entre a “reescrita” e o “enquadramento”, como na contribuição para um modelo neutro da tradução.

A obra dá outro passo em frente na conceptualização não apenas da tradução, mas também do “tradutor”: “[I]t is our purpose to examine translators as both objects and flesh-and-blood agents of reframing” (p. 6). “Tradutores”, na terminologia das organizadoras, refere-se a quase todos os agentes envolvidos na tradução, a saber, “from translators and authors to editors, reviewers, publishers, critics, patrons, readers, etc.” (p. 4). Embora esta definição ampliada de “tradutores” possa induzir em erro – pois o termo mais comum para essa definição talvez seja “agentes de tradução” ou “agentes tradutórios” (“agents of translation” em Milton e Bandia 2009) –, o seu mérito reside provavelmente no desafio ao convencional enquadramento conceptual da tradução realizada por um “tradutor isolado” (discutido em Cordingley e Frigau Manning 2017), como no notório retrato de São Jerónimo a traduzir sozinho (Vale de Gato, p. 80, neste volume).

Talvez por isso “Reframing collaboration” seja logo o título da primeira parte desta edição de 14 capítulos, categorizados em quatro temas. Os três capítulos da primeira parte adotam a metodologia de estudos genéticos, que implica colocar o foco no processo tradutório, em vez do produto em si (Cordingley e Montini 2015, 1; Nunes, Moura e Pinto 2017, 4). Assim, Patrick Hersant (Cap. 1) analisa dois pares de correspondências epistolares de John Rodker, autor e tradutor. Em ambos os casos, enquanto os tradutores desempenham um papel essencial na iniciação da colaboração, os autores parecem exercer maior poder na tomada de decisões tradutórias (p. 30). O poder do autor também se evidencia no caso estudado por Rúbia Nara de Souza (Cap. 3), em que o poeta Giuseppe Ungaretti dominou a colaboração com o tradutor Jean Lescure através de autotradução e intervenções. Além do estudo das relações autor-tradutor, Ariadne Nunes e Marta Pacheco Pinto (Cap. 2) tentam relacionar a tradução colaborativa com o panorama cultural de Macau, considerando a técnica criativa de colaboração *drawriting*, que ajuda a ultrapassar a barreira linguística entre a escritora Ling Ling, a tradutora Stella Lee e a reescritora Fernanda Dias, como “a reflection of the inner intercultural and mediated dynamics of Macau” (p. 50).

Como uma transição para o tema da Parte II, “Reframing criatividade”, Margarida Vale de Gato (Cap. 4) argumenta que a formação de tradutores literários deve integrar tradução colaborativa, multilinguismo e criatividade. Ariadne Nunes e José Pedro Sousa (Cap. 5) exploram o declínio da preferência portuguesa pelo teatro espanhol no século XVIII, evidenciado nas escolhas surpreendentes de uma tradução portuguesa de um entremes espanhol: a domesticação do humor satírico e a não-tradução caricatural de discursos

castelhanos. Vanessa Montesi (Cap. 6) demonstra, no seu estudo sobre a tradução intermedial de seis quadros relacionados com a vida de mineiros ingleses para o espetáculo de dança *Pitman* (2016), de Eliot Smith, a criatividade do tradutor e do investigador. Montesi argumenta que tanto a encarnação da memória mineira inglesa nos bailarinos quanto os meios de comunicação (no palco e *online*) constituem paratextos que reenquadram essa história. Por fim, Marisa Mourinha (Cap. 7) compara *As Naus* de António Lobo Antunes com as suas traduções inglesa e italiana, realizadas por Gregory Rabassa e Vittoria Martinetto. Não obstante o sucesso na recriação do estilo de paródia nas traduções, a ausência de peritextos contextualizantes, conforme argumentado no estudo, esfuma as raízes históricas e políticas do original. Tal conclusão, que enfatiza a importância dos paratextos, serve como ponte para a parte seguinte.

A Parte III, “Reframing paratexts”, reforça não apenas a função dos paratextos como elementos de enquadramento, mas também os apresenta como espaços de conflitos de poder entre agentes. Kalliopi Pasmatzis (Cap. 8) analisa três edições da mesma tradução grega de *Eleni*, de Nicholas Gage, demonstrando como as casas editoriais enfatizam as implicações políticas do volume através dos peritextos, enquanto o tradutor Alexandros Kotzias destaca o valor literário da obra por meio de epitextos, especialmente entrevistas. Dominique Faria (Cap. 9) lança luz sobre o *habitus* de tradutores literários em Portugal entre 2000 e 2017 através da análise das 20 notas preambulares de 17 tradutores, revelando uma tendência de duplo enquadramento: uma abordagem tradicional de fidelidade e outra inovadora, que redefine este conceito como criatividade ousada. Emilio Amideo (Cap. 10) analisa comparativamente os paratextos de duas coletâneas poéticas de Jackie Kay e as suas traduções italianas, evidenciando uma tendência de domesticação que homogeneiza a identidade multifacetada da poetisa.

As questões ideológicas associadas à tradução de vozes femininas serão o foco da última parte, “Reframing gender”. Eleonora Federici (Cap. 11) e Luisa Marino (Cap. 12) analisam as traduções italianas das obras das autoras nigerianas Chimamanda Ngozi e Lola Shoneyin, concluindo que os paratextos tendem a enquadrar as autoras em imagens estereotipadas de mulheres negras. Marino (p. 253) sugere ainda que essa decisão pode ser influenciada por interesses comerciais da editora. Alexandra Lopes (Cap. 13) compara *Jane Eyre* e as suas primeiras três traduções completas em português europeu, publicadas durante o Estado Novo. A análise demonstra que o salazarismo e o público semialfabetizado da época condicionaram o reenquadramento da “autobiografia” inglesa de uma mulher vulnerável, mas resistente, em romances sentimentais adaptados ao contexto português. Por fim, Anita Kłos (Cap. 14) estuda uma “cadeia de tradução” da ficção biográfica italiana *Circe*, de Annie Vivanti Chartres (1866-1942). As análises textuais e peritextuais de Kłos

revelam que a agenda feminista implícita no original foi atenuada na autotradução francesa devido ao conservadorismo do contexto de chegada e da editora, sendo até invertida na tradução polaca, cujo prefácio contém traços aparentemente misóginos.

Com base na leitura facilitada pela clara divisão das partes, proponho revisitar a primeira parte do título do volume, “Reframing Translators”. Aqui, o sujeito da ação pode ser tanto o investigador quanto o tradutor (e.g., Cap. 9), e o tempo verbal no *present continuous* implica um processo incessante de reenquadramento. Isso sugere que a continuidade de pesquisas sobre tradução gerará novos (re)enquadramentos para a compreensão dessa atividade complexa e diversa. Tal ideia é particularmente evidente nas Partes I e III, em que a tradução colaborativa e os paratextos são reenquadrados de formas inovadoras. Contudo, apesar dessa diversidade, o volume apresenta uma limitação – ou mérito especial, dependendo do ponto de vista – no seu foco quase exclusivo em traduções literárias, com exceção do estudo intermedial de Montesi (Cap. 6).

Porque se trata de uma conceptualização que promove uma compreensão mais abrangente da diversidade das atividades tradutórias, porque se iluminam histórias perdidas de pessoas que influenciam os nossos entendimentos das outras culturas e porque tudo isto é exemplificado através dos variados casos – abundantes de informações e conhecimentos que dificilmente se resumem nesta breve apreciação –, eis um vivo convite para a exploração deste volume e da sua proposta inspiradora.

Referências bibliográficas

- ALMANNA, Ali, e Chonglong Gu, eds. 2021. *Translation as a Set of Frames*. Londres: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003024828>.
- ALMANNA, Ali, e Juan José Martínez Sierra, eds. 2020. *Re-framing Realities through Translation*. Oxford: Peter Lang.
- BAKER, Mona. 2007a. “Reframing conflict in translation”. *Social Semiotics* 17 (2): 151-69. <https://doi.org/10.1080/10350330701311454>.
- BAKER, Mona. 2007b. *Translation and Conflict: A narrative account*. Londres: Routledge.
- CORDINGLEY, Anthony, e Céline Frigau Manning. 2017. “What Is Collaborative Translation?” In *Collaborative Translation: From the Renaissance to the Digital Age*, editado por Anthony Cordingley e Céline Frigau Manning. Londres: Bloomsbury.
- CORDINGLEY, Anthony, e Chiara Montini. 2016. “Genetic translation studies: An emerging discipline”. *Linguistica Antverpiensia, New Series – Themes in Translation Studies* 14 (janeiro):1-18. <https://doi.org/10.52034/lanstts.v14i0.399>.

MILTON, John, e Paul Bandia, eds. 2009. *Agents of Translation*. Amsterdão: John Benjamins.

NUNES, Ariadne, Joana Moura, e Marta Pacheco Pinto. 2021. "What is genetic translation studies good for?" In *Genetic Translation Studies: Conflict and Collaboration in Liminal Spaces*, editado por Ariadne Nunes, Joana Moura e Marta Pacheco Pinto. Londres: Bloomsbury.